

Ilustrações de Matisse para *Ulisses* e Mais um Universo Imagético para James Joyce

Nilce M. Pereira¹

Resumo: Fundamentando-se nos Estudos da Imagem, este trabalho propõe a abordagem das ilustrações de Henri Matisse para a edição ilustrada de *Ulisses* publicada em 1935 na coleção The Limited Editions Club, da editora nova-iorquina de mesmo nome, na sequência à anulação de sua condenação por obscenidade nos Estados Unidos. Numa extensão de um dos tópicos integrantes da disciplina “*Ulisses: Cem Anos*”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras do IBILCE em 2022, pretende-se detalhar o processo de elaboração da edição e das imagens, bem como, à luz de conceitos da ilustração literária (componentes imagéticos, recursos narrativos, características de estilo, entre outros) e da crítica literária e artística, discutir de que maneira as ilustrações se relacionam com o texto de Joyce, também levando em conta o pioneirismo do artista na tradição de ilustrar *Ulisses*.

Palavras-chave: *Ulisses*. Matisse. Ilustrações. Texto. Relações.

Abstract: having the Image Studies as a basis, this paper focuses on Henri Matisse’s illustrations for *Ulysses*, published in The Limited Editions Club collection, under New York editor George Macy, less than two years after the work was liberated from its ban for obscenity in the United States. The study is developed as an extension of one of the topics dealt with in the module “*Ulysses at One Hundred*,” offered in the Graduate Programme in Literature at IBILCE, the State University of São Paulo at São José do Rio Preto, in 2022, and is aimed at detailing the process of production of the edition and the illustrations, as well as discussing, in the light of key concepts in book illustration (image elements, narrative resources, style, amongst others) and literary and artistic criticism, the ways through which they can relate to Joyce’s text, also taking into account the pioneering role of the artist in the tradition of illustrating *Ulysses*.

Keywords: *Ulysses*. Matisse. Illustrations. Text. Relations.

¹ Docente da área de inglês do Departamento de Letras Modernas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: nm.pereira@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6351-061X>.

Contrariamente à reverenciada primeira edição de *Ulisses*, lançada por Sylvia Beach em 1922 sem a inclusão de imagens ou ilustrações,² edições ilustradas da obra não demoraram a surgir, embora de modo tímido, em décadas subsequentes, no que atualmente se desmembra numa profusão figurativa de seus acontecimentos, além de compor uma tradição representacional para a obra em diferentes estilos e expressões. No Brasil, em particular, as ilustrações aparecem de maneira ainda mais sutil, somente no século XXI, mas sendo, igualmente, relevantes na manutenção de *Ulisses* como título de fluxo constante nos universos literário e cultural em que está inserido. Neste estudo, idealizado a partir de um dos tópicos tratados na disciplina “*Ulisses: Cem Anos*”, oferecida conjuntamente — na instância comemorativa do centenário da obra — no Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista em São José do Rio Preto, as ilustrações serão observadas na pertinência dos aspectos históricos de sua inclusão à obra, também considerando o seu teor artístico em elementos, recursos e processos composicionais comuns à ilustração literária e à crítica das artes. A grafia do nome com “y” poderá ser utilizada em contextos específicos com referência a edições em língua inglesa; mas, de maneira generalizada seguir-se-á o título da obra em português, *Ulisses*. As traduções de trechos estrangeiros citados como amparo às discussões terão sido realizadas por mim quando não especificada outra autoria.

A primeira publicação ilustrada de *Ulisses* deu-se em 1935, pelas mãos do editor nova-iorquino George Macy, com o volume conhecido como “The Limited Editions Club” *Ulysses* [*Ulysses* do Clube de Edições Limitadas], parte

² A história de sua publicação, muito conhecida entre os estudiosos de Joyce e relatada na Apresentação deste volume, envolve uma sucessão de percalços e portas fechadas até a sua apoteose em 2 de fevereiro do ano que acaba de ser mencionado, na oportunidade que se vislumbrou para o autor na editora Shakespeare and Company, de propriedade de Sylvia Beach, na capital francesa de Paris. O volume, no entanto, não apresenta nenhuma ilustração.

do clube do livro (de volumes ilustrados) de mesma designação, idealizado por ele como selo editorial de suas empresas desse ramo, de circulação entre os anos de 1929 e 1985.³ A edição apresenta seis gravuras, seguidas de vinte estudos em desenhos, e foram compostas por Henri Matisse, sendo lançada como a número 71 na ordem de títulos da coleção. Ao empreender uma minuciosa pesquisa no arquivo documental de Macy, abrigado no Harry Ransom Humanities Research Center [Centro Harry Ransom de Pesquisa em Humanidades (HRHRC)] da Universidade do Texas em Austin, complementada por consulta também ao arquivo de Stuart Gilbert, adquirido pelo HRHRC em 1989, Willard Goodwin (1999) detalha aspectos do processo composicional das ilustrações para a edição e do envolvimento do editor e do próprio Joyce nas negociações com o artista, o que se demonstra significativo do desejo notável de ambos de inserir *Ulysses* nas tendências dos grandes clássicos de seu tempo.

De acordo com Goodwin, publicar *Ulysses* em “The Limited Editions Club” havia sido o desejo de Macy por um longo tempo e que se tornara possível a partir da anulação da condenação por obscenidade, que libertara a obra nos Estados Unidos em dezembro de 1933. Cuidando ele próprio da concepção, *design* e outros detalhes da edição, Macy pensou em Matisse para ilustrá-la, uma outra ideia antiga de sua parte que, igualmente, poderia ganhar forma.⁴ Como providência inicial, Macy entrou em contato, por carta (em 2 de fevereiro de 1934), com Pierre Matisse, filho do artista, solicitando uma intermediação no convite ao pai para o trabalho (embora demonstrando uma certa indecisão sobre o que Matisse devesse ilustrar):

³ Detalhes sobre como George Macy (1900-1956) iniciou, aos 29 anos, a coleção “The Limited Editions Club” são narrados em “A Guide to Collecting Books by the Limited Editions Club”, parte do *website* da AbeBooks, que também inclui informações sobre a continuação do negócio primeiramente pela esposa de Macy, a partir de 1956, com a morte do editor, e, mais tarde, entre o início dos anos 1970 até 1985, por outras empresas que a adquiriram, além de dispor uma seleção (de imagens) de vários títulos lançados pelo selo, incluindo *Ulysses* (cf. <https://www.abebooks.com/books/george-macy-illustrated-classics/limited-editions-club.shtml>).

⁴ Macy já havia trabalhado com artistas como George Grosz e Pablo Picasso (cf. Goodwin, 1999, p. 89).

[h]á algum tempo enviamos a seu pai uma lista com sugestões de títulos para que escolhesse um de sua preferência para ilustrar para nós. Foram eles *Madame Bovary*, *Manon Lescaut*, a *Eneida*, de Virgílio, *Carmen*, *Mademoiselle de Maupin*, [e] *Ulisses* de James Joyce. Ele poderá escolher um desses ou sugerir algum outro clássico que lhe agrade. Aguardamos ansiosos por seis litogravuras de Henri Matisse ilustrando um de nossos livros. Ficarei muito contente se puder tentar persuadi-lo a fazer um contrato conosco, pagando-lhe por isso, com muita alegria, uma comissão de quinhentos dólares. Quando chegar a Paris, tentarei um encontro com seu pai ou sua irmã para concluir as negociações (Goodwin, 1999, p. 89-90, a partir do Arquivo de Macy, Caixa 103, Pasta 7).⁵

E, alguns dias depois (em 8 de fevereiro de 1934), Macy escreveu para Joyce, como disposto na Caixa 103, Pasta 5 de seu arquivo, também reproduzido por Goodwin:

[e]ste Clube está ansioso para apresentar a seus membros uma edição lindamente impressa e bem ilustrada de *Ulisses*... [J]á temos o consentimento da Random House...[m]as gostaríamos de contar com o seu, de igual modo, propondo-nos a oferecer-lhe uma gratificação por isso. Espero que estipule uma quantia e me informe sobre ela. Uma edição como a que vislumbramos custará muitos milhares de dólares; será impressa em papel *fine art* 100% algodão e com acabamento de materiais nobres. Desse modo, gostaríamos de contar com um texto corrigido e ficaríamos muito contentes com uma introdução especial de sua parte. Estou enviando esta carta pelo Champlaign e eu próprio viajarei a Paris no mesmo barco, chegando por volta de dezoito de fevereiro. Ficarei no Hotel George V e aguardarei uma notificação sua ou de seu agente a esse respeito... (Goodwin, 1999, p. 89);⁶

⁵ I find that we once sent your father a list of suggested books one of which he might like to illustrate for us. These were: *Madame Bovary*, *Manon Lescaut*, *The Aeneid* of Vergil, *Carmen*, *Mademoiselle de Maupin*, {and} *Ulysses* by James Joyce. He may agree to illustrate one of these, or he may suggest some other well-known classic which appeals to him. We are anxious to have six lithographs from Henri Matisse to illustrate one of our books. I am glad to know that you will attempt to persuade him to make such a contract with us. For your services, we will gladly pay you a commission of five hundred dollars. When I reach Paris, I shall attempt to see your father or your sister and conclude the negotiation.

⁶ This Club is anxious to present to its members a beautifully printed and well illustrated [*sic*] edition of *Ulysses*... we have already secured the consent of Random House to our proceeding... But we want to have your consent, if you will give it, and to pay you a fee for this consent. I hope you will set a figure, and let me know what it is. Such an edition as we contemplate will cost a good many thousands of dollars; it will be printed on rag paper and bound in fine materials. So we would very much like to have a corrected text, and would be overjoyed with a special introduction from you. I am sending you this letter by the

Chegando a Paris, na segunda quinzena de fevereiro de 1934, como havia especificado em ambas as cartas, Macy buscou, pessoalmente, os acordos razões de sua viagem, embora talvez não propriamente do modo como esperasse. A conversa com Matisse ocorreu por telefone, numa ligação interurbana realizada por ele de Paris a Nice, no litoral sudeste da França, onde o artista residia. De acordo com Goodwin (1999, p. 90-91), Macy ofereceu a Matisse cinco mil dólares por seis gravuras, na concordância de ambos de que a obra a ser ilustrada fosse *Ulisses*, obtendo de Matisse a resposta afirmativa no dia seguinte, em uma nova chamada telefônica que o artista lhe retornou. Com Joyce, por sua vez, as transações deram-se via Paul Léon e Stuart Gilbert. Atuando como agente de Joyce em muitas ocasiões, Léon cuidou de detalhes como o montante a ser pago ao autor pela permissão de publicação da obra, o número de cópias que assinaria (250 de uma tiragem total de 1.500 exemplares) e os valores individuais por cada assinatura, além dos termos do contrato entre ele e a editora de Macy, datado de 20 de agosto de 1934 (cf. Goodwin, 1999, p. 92-94). Stuart Gilbert auxiliou Macy de várias maneiras, em particular, no provimento de uma introdução “explicativa”, nos moldes de uma avaliação crítica da edição, como requisitado pelo editor, e, ainda, na indicação do texto mais apropriado de *Ulisses* que Macy devesse empregar.⁷ Como colaborador de August Morel e Valery Larbaud na tradução da obra para o francês, além de revisor da edição de *Ulisses* de 1932 pela Odyssey Press — a pedido do próprio Joyce e considerado o texto mais preciso e confiável de *Ulisses* —, Gilbert não apenas estava familiarizado com as várias versões do texto, como pode recomendar exatamente a edição da Odyssey, sendo que, em razão de Macy ter

Champlaign. I shall myself be going to Paris on the same boat, arriving there about the eighteenth of February. I shall be at the Hotel George V, and will welcome a note from you or from your agent about this request...

⁷ De acordo com Gilbert, o texto da edição de Shakespeare and Company não era uma boa opção por conter muitos erros de digitação e impressão (cf. Goodwin, 1999, p. 92).

sido receptivo a sua sugestão, a edição de “The Limited Editions Club” é altamente conceituada entre as edições de *Ulisses*, sendo igualmente reputada como a que possui o texto mais apurado entre as edições publicadas nos Estados Unidos (Goodwin, 1999, p. 91-92).

Da parte de Joyce, nota-se um grande interesse por uma aproximação com Matisse. Em 2 de maio de 1934, “com uma descontração que não [disfarçava] seu orgulho”, como colocado por Goodwin (1999, p. 94),⁸ Joyce escreveu para o pintor Frank Budgen a respeito das ilustrações de Matisse (como citado a partir de Joyce, 1966, p. 304): “Matisse, a propósito, foi contratado para fazer 20 ilustrações por um Clube do Livro de N. Y., que está lançando uma edição *de luxe* de *Ulisses* para assinantes”.⁹ E Joyce escreveu, ainda, para Dublin, a T. W. Pugh (em 6 de agosto de 1934), na tentativa solícita de fornecer a Matisse uma ideia da cidade na época em que se passa o romance: “[v]ocê conhece algum semanário publicado em Dublin por volta de 1904...? Se eu conseguisse alguns números antigos (de páginas com imagens apenas) para mostrar a [Matisse] quando retornar a Paris, ele talvez possa evocar melhor o passado...” (Joyce, 1966, p. 314 *apud* Goodwin, 1999, p. 94).¹⁰ Percebe-se que Joyce vislumbrava um encontro com Matisse, uma possibilidade não apenas aprovada por Léon e Macy, como considerada importante por Macy para que o autor pudesse “comunicar” ao artista as suas ideias (cf. Goodwin, 1999, p. 94). Ao que consta, no entanto, a conversa entre ambos se tenha dado apenas (e, de modo semelhante a Macy) por telefone (próximo a 4 de agosto de 1934), como descrito por Matisse em uma carta ao pintor Simon Bussy, na qual se lê: “[t]elefonei a Joyce e conversamos sobre o que o seu representante lhe informou

⁸ [...] with a casualness which does not disguise his pride [...].

⁹ Matisse, by the way, has been engaged by a N. Y. Book Club which is bringing out for subscribers an edition *de luxe* of *Ulysses* to do 20 illustrations.

¹⁰ Do you know any illustrated weekly published in Dublin around 1904...? If I could have some back numbers (the picture pages only) to show him when I go back to Paris he might be able to conjure up the past better...

em Paris a respeito do que vimos. Estamos de pleno acordo com relação ao caráter que quero dar à ilustração...” (Matisse, 1986 *apud* Goodwin, 1999, p. 94-95).¹¹

O “caráter” e o tratamento diferenciados que Matisse desejava imprimir às ilustrações revelam-se nas seis gravuras em metal processadas em verniz mole,¹² que ilustram, em páginas inteiras, os episódios de “Calipso”, “Éolo”, “Ciclope”, “Nausícaa”, “Circe” e “Ítaca”¹³ e são acompanhadas por de dois a cinco estudos em desenhos lineares, de tamanhos variados (totalizando vinte em número), impressos em papel de seda amarelo ou azul, precedendo cada uma; com uma das gravuras também compondo a capa dura da edição, executada em relevo dourado sobre uma (sofisticada) superfície de tecido marrom. A ideia de Macy de incluir os estudos em desenho é considerada “não ortodoxa” e referida por críticos com expressões como “golpe de mestre” ou “lampejo de gênio” (cf. Knapp, 2000, p. 1061).¹⁴ Sabe-se, no entanto, que o editor tinha ficado decepcionado com as ilustrações, como apontado por ele em diferentes ocasiões, aqui exemplificado em uma carta a Lévy, de 8 de janeiro de 1935, inclusa na Caixa 103, Pasta 13 de seu arquivo:

[d]e modo particular, posso informá-lo de que não estamos nem um pouco satisfeitos com as gravuras. Será muito difícil persuadir nossos membros de que essas ilustrações possuam qualquer relação com a

¹¹ I telephoned Joyce and spoke about what his representative said to him in Paris about what we saw. We are in complete agreement about the character I want to give to the illustration...

¹² Técnica por meio da qual uma placa de metal é revestida com uma camada de verniz de longa secagem e sobre a qual se coloca uma folha de papel, desenhando-se sobre ela, e o desenho é formado pela pressão do lápis, que deixa na placa suas marcas e texturas, bem como as do próprio papel, ao ser removida, e que ficarão gravadas na placa quando posteriormente mergulhada em ácidos (mordentes) como a água-forte.

¹³ Títulos de episódios como empregados na edição da Companhia das Letras (2012), que reproduz o “Diagrama de *Ulisses*” (traduzido na edição como “Esquema do *Ulysses*”) com a tabela elaborada pelo autor (de publicação original em Gilbert [1930/1955]) de correspondências em *Ulisses*.

¹⁴ [...] the most unorthodox aspect of the book [...] described [...] as Macy’s “master stroke”, his “flash of genius”.

obra de James Joyce... Espero, portanto, que os desenhos sejam mais atraentes (Goodwin, 1999, p. 95).¹⁵

A objeção de Macy não seria de todo infundada e poder-se-ia referir ao fato de que Matisse nunca lera o romance — “*Je ne l’ai pas lu*” —¹⁶ e produzira as ilustrações com base na *Odisseia*, em vez de *Ulisses*, embora isso tenha sido especificado tanto a ele quanto a Joyce pelo artista e empreendido com a devida anuência de ambos. Matisse havia recebido uma cópia da edição francesa do romance, enviada por Stuart Gilbert a pedido de Macy, e chegara-lhe às mãos ainda o próprio livro de Gilbert, *James Joyce’s Ulysses: A Study* ([1930]1955), da parte de Dorothy Bussy, esposa de Simon Bussy, como comprovado no Arquivo de Gilbert (Caixa 2, Pasta 3, referenciado em Goodwin, 1999, p. 91). Porém, já em sua resposta a Macy, no telefonema que lhe retornara aceitando o trabalho, havia esclarecido que, tendo formado uma ideia de como os dezoito episódios “tinham seu impulso” em episódios correspondentes na *Odisseia*, criaria as ilustrações com base nessa obra, o que foi assentido por Macy, oficializando-se o contrato entre ambos em 14 de março de 1934 (cf. Goodwin, 1999, p. 91). De igual modo, é explicitado em diferentes ocasiões nas correspondências de Matisse a ciência de Joyce da produção das ilustrações a partir de Homero, como se vê no trecho a seguir, extraído de uma notificação sua a Macy (datada de 27 de novembro de 1934, reproduzida do arquivo do editor, Caixa 103, Pasta 13, com tradução para o inglês de Albert Lévy): “[e]stas 6 gravuras são realmente o produto de reações da minha mente diante da obra de Joyce, da qual escolhi as cenas que tivessem uma correspondência com a obra de

¹⁵ Privately, I can inform you that we are not at all pleased with the plates. It will be very difficult to persuade our members that these illustrations have any relation to James Joyce’s book... I am therefore hopeful that the drawings will prove more attractive.

¹⁶ “Eu não o li”, nas próprias palavras de Matisse, “depois de uma breve consulta a Eugene Jolas” [after consulting briefly with Eugene Jolas], como descrito por Richard Ellmann a partir de entrevista com mme. Lucie Léon, em 1953, e carta a ele enviada pela sra. Maria Jolas, em 1959 (cf. Ellmann, 1982, p. 675, que leva à nota 113, p. 807).

Homero...” e ele continua, “[o] sr. James Joyce, que está ciente do modo como estou ilustrando o seu livro, concorda comigo sobre isso” (Goodwin, 1999, p. 95).¹⁷ Entende-se, assim, que Macy não percebesse mais claramente essa correlação entre as obras — o que é evidenciado nesta outra passagem de uma de suas cartas a Lévy (na Caixa 103, Pasta 2 de seu arquivo):

estas primeiras gravuras que Matisse enviou são esplêndidas... Fico preocupado com o fato de que não tenham relação direta com *Ulysses* [...] Seria importante [...] que fossem ilustrados os episódios da *Odisseia* [...] que realmente fizessem referência a *Ulysses* (Goodwin, 1999, p. 95).¹⁸

No caso de Joyce, é geralmente admitido que, assim como Macy, o autor se tenha desapontado com as ilustrações. Um comentário seu em uma carta a Harriet Shaw Weaver, em 1935, amplamente reproduzido, é entendido como expressivo de seu descontentamento:

[q]uanto às ilustrações para a edição americana, são suas para todo o sempre. Amém. Se tivessem sido assinadas L. J. [Lucia Joyce] em vez de H. M. [Henri Matisse], as pessoas teriam uma história diferente para contar. Estou dolorosamente ciente de que Lucia não tenha futuro, mas isso não me impede de ver a diferença entre o que seja bonito e bem torneado do que seja feio e sem forma. Como de costume, encontro-me numa minoria de um (Joyce, 1966, p. 365 *apud* Knapp, 2000, p. 1056).¹⁹

É o que se percebe na avaliação de teóricos como Richard Ellmann, biógrafo de Joyce, em seu monumental conhecimento da vida do autor (cf.

¹⁷ These 6 plates are really the product of reactions of my mind before Joyce’s work, in which I chose the scenes having a correspondence in Homer’s work... Mr James Joyce, who knows about the way I am illustrating his book, quite agrees with me on it.

¹⁸ I believe these first plates from Matisse are superb... I am worried over the fact that they do not seem to have a direct relation to *Ulysses*, the book by James Joyce. I think it important that Matisse must make illustrations for those episodes out of Homer’s *Odyssey* which actually have reference to Joyce’s *Ulysses*.

¹⁹ As to the illustrations for the U. S. edition they are yours for ever and ever. Amen. If they had been signed L. J. instead of H. M. people would have had a different tale to tell. I am only too painfully aware that Lucia has no future but that does not prevent me from seeing the difference between what is beautiful and shapely and what is ugly and shapeless. As usual I am in a minority of one.

Ellmann, 1982, p. 682); e Goodwin também testifica sobre a profunda consternação de Joyce em face dos agravantes problemas de saúde de sua filha Lucia e seu desejo de ver publicado um alfabeto ilustrado que ela havia criado, que podem tê-lo influenciado emocionalmente (cf. Goodwin, 1999, p. 96). Por uma outra perspectiva, no entanto, o comentário pode ser tomado como ambíguo, não necessariamente implicando a insatisfação de Joyce.

Numa interpretação nessa linha, por exemplo, James A. Knapp argumenta que, primeiramente, Joyce demonstrou interesse pela edição de “The Limited Editions Club”. Mencionando uma carta de Léon a Macy de 12 de janeiro de 1936 (ou seja, no ano seguinte ao comentário de Joyce a Harriet Weaver), na qual lhe assegura que o desejo do autor em adquirir cópias da edição era uma evidência de que a aprovara, Knapp vê igualmente o olhar positivo de Joyce para a edição. E o autor alude ainda à intenção de John Lane The Bodley Head de publicar na Inglaterra, em 1936, uma edição de *Ulysses* com as ilustrações de Matisse, que, embora não concretizada, atesta o valor artístico das imagens (cf. Knapp, 2000, p. 1056-1057). Com relação a Matisse, por sua vez, o autor alega que o fato de o artista não ter lido o romance não implica que o ignorasse ou desconsiderasse as suas características técnicas e experimentais (cf. Knapp, 2000, p. 1057). Citando Alfred Barr, Knapp aponta que, no mínimo, Matisse possuísse experiência suficiente com o romance para sugerir as ilustrações com base na *Odisseia* (cf. Barr, 1951, p. 249 *apud* Knapp, 2000, p. 1057), e, mesmo que não o tivesse lido, que houvesse pelo menos consultado uma obra crítica sobre ele — uma das quais podendo ter sido o livro de Stuart Gilbert. Para Knapp,

[s]eja qual for o motivo, a confiança de Joyce na decisão de Matisse de embasar suas gravuras na *Odisseia* de Homero deve ser vista como uma forma de colaboração, uma afirmação da parte de Joyce de que

Ulysses se havia engajado em uma tradição estética que podia ser abordada de mais de um ângulo (Knapp, 2000, p. 1057).²⁰

Uma colaboração entre autor e artista pode ser entendida como intrínseca ao trabalho de ambos na visão de Matisse. Na continuação de seu relato ao pintor Simon Bussy sobre o telefonema a Joyce (novamente extraído da tradução para o inglês realizada por Lévy), Matisse afirma o seguinte:

[a]credito que o artista deva dar lugar ao escritor e à tipografia... É um pouco como o papel do segundo violino em um quarteto, exceto pelo fato de que o segundo violino responde ao primeiro e que, no meu caso, estou fazendo algo *paralelo* ao escritor, num sentido de certo modo decorativo (Matisse, 1986 *apud* Goodwin, 1999, p. 95, grifos originais).²¹

Embora por uma outra via — uma vez que Matisse adota mais a perspectiva da relação entre texto e imagem no livro ilustrado (cf. Schwarcz, 1982) —, esse pensamento vai de encontro ao que Knapp sugere sobre a *Odisseia* ocupar uma posição singular na estética de Joyce e de Matisse e sobre que, mais do que representá-la, ambos estivessem “respondendo a ela” (Knapp, 2000, p. 1057-1058). Fazendo referência às considerações de Shari Benstock a esse respeito, Knapp observa que, enquanto “Matisse produziu figuras que não possuem nenhuma semelhança com as formas gregas tradicionais”[,] “somente o título de Joyce revela a conexão homérica” (Benstock, 1980, p. 454 *apud* Knapp, 2000, p. 1057)²². Ou seja, a *Odisseia* aparece de modo subjacente tanto na obra de Matisse quanto na de Joyce, cada um reagindo a ela esteticamente e

²⁰ Whatever the cause, Joyce’s confidence in Matisse’s decision to base his etchings on Homer’s *Odyssey* ought to be seen as a form of collaboration, an affirmation from Joyce that *Ulysses* engaged with an aesthetic tradition that could be approached from more than one angle.

²¹ I believe that the artist must give way to the writer and to the typography... It’s a little like the role of the second violin in a quartet except that the second violin responds to the first violin and that, in my case, I am doing something *parallel* to the writer, but in a somewhat decorative sense.

²² “Only Joyce’s title reveals the Homeric connection” while “Matisse produced figures that bear no resemblance to traditional Greek forms”.

criando, a partir dela, “seu [próprio] experimento modernista” (Knapp, 2000, p. 1057-1058).²³

Knapp segue em seu raciocínio, mais uma vez, aludindo ao estudo de Benstock em sua proposta de uma atitude comum na abordagem artística que une o escritor e o artista: o método de sua arte, que não apenas apoia “a supremacia da técnica sobre todo o resto” (por meio de seus componentes estilísticos e sua experimentação com as formas) como assume prioridade sobre os objetos e temáticas escolhidos por ambos — tornando-os unânimes em seu intento artístico, o que a autora considera essencialmente modernista (Benstock, 1980, p. 455 *apud* Knapp, 2000, p. 1058)²⁴. Para ela, também, a ênfase modernista manifesta na edição de “The Limited Editions Club” “não está na semelhança da experiência humana nos períodos clássico e moderno, mas em sua diferença essencial” [...] e “que é expressa de modo mais óbvio pela ênfase no estilo como delineador do assunto” (Benstock, 1980, p. 456 *apud* Knapp, 2000, p. 1058),²⁵ um pensamento complementado por Knapp ao afirmar que

[a]s semelhanças que permitem que o trabalho de Matisse e de Joyce recaia sob a rubrica do modernismo parecem menos a função de uma mudança na natureza da experiência humana do que uma tentativa de colocar em primeiro plano o papel da arte nessa experiência. Tanto Joyce quanto Matisse compartilhavam uma aguda consciência da história da representação artística; e, embora sua arte possua uma marca estilística altamente individual, seu estilo não representa um simples retiro ao eu, como alguns argumentaram. Em vez disso, em seu trabalho, estilo e técnica refletem uma sensibilidade à maneira como o processo de percepção medeia até mesmo a atenção minuciosa aos detalhes do mundo exterior. Os excessos estilísticos que caracterizam outros tipos de arte modernista são derivados em Matisse e em Joyce de uma tentativa de incluir reflexões sobre a arte — sobre a maneira por meio da qual a relação do artista com o mundo influencia sua arte — na obra artística. No processo de inclusão de tais

²³ [...] “each artist could produce his modern experiment.”

²⁴ [...] “supremacy of technique to all else” [...]

²⁵ [...] “not on [sic] similarity of man’s experience in the classic and modern ages, but on its essential difference — a difference that is rendered all the more obvious by the emphasis upon style as delineator of subject.”

reflexões Matisse e Joyce acrescentaram um elemento ao campo da representação estética (Knapp, 2000, p. 1058-1059).²⁶

Iva Dimovska complementa essas percepções relacionando a maneira como Joyce e Matisse abordam a *Odisseia* (em sua atitude comparável), obtendo reações da tradição e, ao mesmo tempo, transformando-a. Com base nas características de difusão da alienação social, desorientação (principalmente em face da Primeira Grande Guerra), ascensão da psicanálise e do experimentalismo na arte, entre outras, que marcaram o movimento modernista na concepção de Denis Brown, a quem a autora alude (cf. Brown, 1989, p. 1 *apud* Dimovska, 2019),²⁷ ela formula as noções de que “[a]o passo que *Ulisses* [...] ironicamente reinterpreta a *Odisseia* por meio de narrativas fragmentadas e da dissolução da subjetividade, os desenhos de Matisse, com suas formas simples e experimentais, distanciam-se da pintura realista” (Dimovska, 2019).²⁸ Nesse sentido, a análise que Knapp faz dos desenhos em sua sobreposição às gravuras na edição de “The Limited Editions Club” é esclarecedora a respeito dos efeitos que produzem em sua relação complementar.

Considerando, em particular, as ilustrações para “Éolo”, “Calipso” e “Circe”, Knapp enfatiza o processo crescente de abstração dos desenhos para as gravuras, no qual, iniciando com elementos mais realistas e naturalistas nos desenhos — oito remadores manobrando um navio de um único mastro em

²⁶ The similarities that allow the work of Matisse and Joyce to fall under the rubric of modernism seem less the function of a change in the nature of human experience than an attempt to foreground the role of art in that experience. Both Joyce and Matisse shared an acute awareness of the history of artistic representation. and though their art bears a highly individual stylistic mark, their style does not represent a simple retreat into the self, as some have argued. Rather, in their work, style and technique reflect a sensitivity to the way in which the process of perception mediates even the closest attention to the details of the exterior world. The stylistic excesses which characterize other modernist art as well, derive in Matisse and Joyce from an attempt to include reflections on art — on the manner in which the artist’s relationship to the world affects his art — in the artistic work. In the process of including such reflections Matisse and Joyce added an element to the field of aesthetic representation.

²⁷ <https://privateprint.mk/en/blog/posts/10-ulysses-a-meeting-place-between-joyce-and-matisse>.

²⁸ While Joyce’s *Ulysses* ironically reinterprets the *Odyssey*, through fragmented narratives and the dissolution of subjectivity, Matisse’s drawings with their simple and experimental forms step away from realistic painting.

“Éolo”; os corpos de Ulisses e Calipso emaranhando-se em “Calipso”; uma figura feminina nua, numa pose de contorcionista de circo, usando *scarpins* de salto alto em “Circe” — eles se tornam cada vez mais sutis, mais destilados e menos representacionais, culminando em curvas estilizadas e quase irreconhecíveis no primeiro, um conflito simbólico no segundo e uma figura amorfa e simplificada no terceiro, em versões claramente imateriais nas gravuras (cf. Knapp, 2000, p. 1065-1076). Na opinião de Knapp, nas gravuras, Matisse reduz as cenas retratadas aos elementos essenciais da *Odisseia*, o vento, em “Éolo”, o poder de Calipso, em “Calipso”, e a magia de Circe, em “Circe”, num método de intenso “envolvimento emocional” e um empenho por “condensar essa emoção numa composição única, simplificada e abstrata”, embora de profunda expressividade (Knapp, 2000, p. 1076).²⁹

A inclusão dos desenhos antecedendo as gravuras, que, como apontado, constituiu uma escolha bastante acertada da parte de Macy, é geralmente comentada na fortuna crítica da edição. Para Christa-Maria Lerm Hayes, por exemplo, fazendo menção às ilustrações para “Ítaca”, ao passo que Matisse fosse perfeitamente capaz de desenhar o portão de um jardim sem precisar de versões preliminares — de acordo com ela, até mesmo com um resultado mais detalhado do que o que se vê na gravura —, ao produzir diferentes variantes de uma mesma imagem, o artista promove um tributo à obra, respondendo à multiplicidade de estilos joyceana, além de ampliá-la (Lerm Hayes, 2002, p. 1). Na visão de Kit Smyth Basquin, por outro lado, as figuras de Matisse são tão generalizadas, que poderiam ilustrar qualquer romance do século XX. A autora cita Hilary Spurling, biógrafa de Matisse, em sua sugestão de que as mulheres entrelaçadas na gravura para “Calipso” sejam uma representação das desavenças entre a esposa e a modelo (também referida como amante) do

²⁹ [...] emotional engagement [...] condense that emotion into a single, simplified and abstract [...] frame.

artista, que Matisse teria transposto para a esfera mitológica (Spurling, 2005, p. 352 *apud* Basquin, 2013, p. 7). Mas Basquin não deixa de denotar as sobreposições dos corpos em suas formas arredondadas e “fraturadas” como expressivas do fluxo de consciência empregado no texto, além da prevalência da nudez como manifestando a sexualidade de Joyce (Basquin, 2013, p. 7).

Numa consideração da estratégia de Macy, Knapp evidencia a “notável sensibilidade” do editor à natureza das gravuras de Matisse e do texto de Joyce, embora ele próprio não fosse um artista. Referindo-se a James Laver em suas ponderações de que o problema de *Ulisses* fossem os seus “graus de abstração” e de que, no caso da inclusão dos estudos, a razão fosse exatamente a (mesma) qualidade abstrata das gravuras de Matisse, visto que “os *desenhos por si* seriam a melhor preparação e explicação possível para as gravuras” (cf. Laver, 1959, p. 29 *apud* Knapp, 2000, p. 1064, grifos originais)³⁰, Knapp admite que, além de acentuar o efeito das gravuras, os desenhos esclareçam a sua relação com o romance. Contudo, o autor observa que a presença dos desenhos em seu modo mais representacional reduz o grau de abstração das gravuras; e que, embora ofereçam um “vislumbre que de outra forma seria irrecuperável” —³¹ uma noção menos intangível, poder-se-ia dizer — do processo de abstração nas gravuras, eles também as “desmistificam” e, assim, “diminuem a sua qualidade expressiva e sensual” (Knapp, 2000, p. 1064).³² Para o autor,

a ênfase na expressão em detrimento da representação é um aspecto crucial da arte de Matisse que vem sendo consistentemente negligenciado pela crítica das ilustrações para *Ulisses*. [...] [A] decisão de Macy de fazer aflorar aspectos textuais deixados somente implícitos por Joyce possui a função dúplice de realçar o lado realista do romance e, ao mesmo tempo, reduzir a sua habilidade mais

³⁰ [...] the *drawings themselves* were the best possible preparation for, and the explanation of, the etchings.

³¹ [...] an otherwise irretrievable glimpse [...]

³² [...] demystify — and thus diminish the expressive, sensual quality of — the final etchings.

ambígua de expressar atmosfera ou disposição de espírito (Knapp, 2000, p. 1064).³³

Ao concluir as suas considerações, Knapp reafirma o seu pensamento de que Matisse tenha trabalhado por meio da destilação, reduzindo o desenho à linha somente (à “linha pura”, como classifica) e que Joyce, no âmbito da escrita, tenha saturado o texto de complexidades de todos os tipos. Porém, o autor acredita que o elemento comum e de fundamentação da obra de ambos continue sendo “a tensão entre a tentativa naturalista ou realista de retratar com precisão a experiência e a ênfase (do) esteticista no controle e na ordem interna”.³⁴ Para Knapp, ao passo que, individualmente, tanto Joyce quanto Matisse tenham levado a abstração para além dos limites representacionais, nunca perderam de vista seus objetos, quer constituíssem (algo etéreo como) uma emoção ou (tão palpável quanto) um rim de porco (Knapp, 2000, p. 1065). Ainda que o papel dos elementos em um episódio de *Ulisses* ou uma gravura de Matisse seja, por vezes, difícil de identificar, o resultado é uma versão final “cuidadosamente compactada” no primeiro caso e “magistralmente destilada”, no segundo, na maestria de ambos em retrabalhar temas clássicos da *Odisseia* (Knapp, 2000, p. 1065, 1077). E o autor atesta sobre a função social a que ambos estão atrelados na medida em que, longe de posicionarem-se como “meros estetas” num mundo isolado de “perfeição artística”, são ambos impelidos pela “necessidade de unir a autorreflexão a uma cuidadosa observação da realidade social interpessoal sem a qual o ‘eu’ não teria sentido” —³⁵ o que também permite que o termo “modernista” possa ser aplicado tanto a um quanto a outro

³³ The emphasis on expression over representation is a crucial aspect of Matisse’s art that has been consistently overlooked in the critical commentary on the illustrations for *Ulysses*. [Further], Macy’s decision to bring to life some aspects of the text only implied by Joyce serves the double function of enhancing the novel’s realistic side while reducing its more ambiguous ability to express atmosphere or mood.

³⁴ [...] the tension between naturalist or realist attempt to accurately portray experience and the aestheticist emphasis on control and internal order [...].

³⁵ [...] the need to couple self-reflection with a careful observation of the interpersonal social reality without which “self” would have no meaning.

(Knapp, 2000, p. 1077-1078). Pode-se afirmar que, desse modo — e desta vez utilizando as descrições de Dimovska (2019) —, a edição de “The Limited Editions Club”, em sua beleza e raridade, constitui uma expressão do modernismo textual e visualmente.

Ela também deu início a uma tradição de ilustrar *Ulisses*, que não apenas se estende até o momento atual como se intensificou à medida que a obra caminhou para o centenário de sua publicação. Para citar uns poucos exemplos, ainda no período de produção da edição de “The Limited Editions Club”, cartas a endereçados diversos e uma série de dezoito desenhos para *Ulisses* (um para cada episódio), encontradas no arquivo de Macy, dão conta de que o editor contratara, entre abril e maio de 1935, o artista e ilustrador norte-americano Lewis Daniel, cujas ilustrações — que muito lhe agradaram — por pouco não substituíram as de Matisse (cf. Goodwin, 1999, p. 97-102). São também bastante conhecidos os desenhos preparatórios de *Ulysses* iniciados por um dos ícones da arte-pop inglesa, Richard Hamilton, em 1948 (incluindo um retrato de Leopold Bloom), com o intuito de produzir um conjunto de gravuras para uma edição ilustrada do romance. O projeto foi interrompido em 1950 e retomado após um hiato de mais de trinta anos, a partir de 1981 e, embora a ideia da edição ilustrada também tenha sido descartada, tanto os estudos quanto as gravuras podem ser encontrados em meios variados como o pôster-catálogo da exposição *James Joyce: His Life and Works*, do Instituto de Arte Contemporânea (ICA) de Londres, realizada em 1950, o catálogo Bielefeld de 1978 (cf. Coppel, 1989), além de galerias e museus, como exemplificado pelo Museu Britânico, que, em 2014, promoveu uma exibição de suas ilustrações para *Ulisses*.³⁶ Um outro artista de renome a abordar visualmente a obra no século XX foi o expressionista Robert Motherwell, a pedido da Arion Press, para a edição

³⁶ Cf. Kennedy, 2014 em <https://www.theguardian.com/artanddesign/2014/jun/13/richard-hamilton-illustrations-ulysses-british-museum-james-joyce>.

ilustrada *Ulysses*, publicada em 1988, com quarenta gravuras, vinte das quais coloridas, numa tiragem de cento e cinquenta cópias com a sua assinatura (cf. Joyce, 1988; Hayman, 1989) — e hoje reproduzidas em edições brasileiras como a da Companhia das Letras, de 2022, comemorativa aos cem anos da obra (cf. Joyce, 2022a).

No século XXI, destacam-se, por sua vez, a rara edição *Ulysses* da Folio Society, publicada em 2017 com ilustrações de John Vernon Lord, aclamado pelo Museu Victoria & Albert (por meio do Prêmio Moira Gemmill) como o “Ilustrador do Ano” de 2018³⁷; a série de dezoito aquarelas e uma vinheta composta em 2014 por Jun-Pierre Shiozawa, publicadas em seu *website*³⁸ e as quais analiso no artigo “The Multifarious Simplicity of Jun-Pierre Shiozawa’s Illustrations for *Ulysses*” (cf. Pereira, 2023); e pode ser ainda mencionada *Ulysses: An Illustrated Edition*, publicada concomitantemente nos Estados Unidos e na Espanha (em respectivas versões em inglês e em espanhol), com mais de trezentas imagens coloridas e em preto e branco, concebidas em desenho, aquarela e colagem pelo pintor e artista gráfico espanhol Eduardo Arroyo (cf. Joyce, 2022b; 2022c).³⁹ Somadas a uma lista de outras edições ilustradas do romance, essas obras compõem um universo figurativo para *Ulisses*, que não apenas oferece uma multiplicidade de visões e (re)leituras do romance em termos de estilo e modos representacionais, como atua em conjunto com o texto na construção significativa. Embora dotadas de beleza e tornando-se, elas próprias, um elemento do livro ilustrado, longe de

³⁷ Cf. Law, 2018 em <https://www.vam.ac.uk/blog/museum-life/john-vernon-lord-named-winner-of-the-moira-gemmill-illustrator-of-the-year-at-the-va-illustration-awards-2018>.

³⁸ Jun-Pierre ART, “Illustrating *Ulysses*”, 2014, em <https://www.junpierre.net/illustrating-ulysses>.

³⁹ Como detalhado por Raphael Minder (2022), em reportagem especial do *The New York Times*, Arroyo iniciou o trabalho com as ilustrações para *Ulisses* no final da década de 1980, com a intenção de publicá-las em uma edição planejada para lançamento em 1991, comemorativa aos 50 anos da morte de Joyce. Uma vez que Stephen Joyce, neto do autor e responsável por seu patrimônio, não autorizou uma edição ilustrada do romance na época, Arroyo primeiramente publicou as ilustrações em um livro de Julián Ríos sobre as obras de Joyce, retomando o projeto original em 2011 e finalmente iniciando o processo de elaboração do volume em questão em 2018, antes de sua morte.

constituírem meros adornos ou “um deleite neutro para os olhos”, como Joseph Schwarcz (1982, p. 94) colocaria, elas criam com o texto uma gama de relações de dependência e interdependência, forjando atmosferas e estados de espírito e modulando a experiência de leitura. Em uma obra como *Ulysses*, cuja natureza imagética, por si, interpõe-se ao verbal, tecendo com ele textos e contextos na profusão de sentidos joyceana, elas se expandem ainda para (a criação de) outros espaços emblemáticos da obra, o que o pioneirismo de Matisse certamente inaugurou.

Referências

AbeBooks. A Guide to Collecting Books by the Limited Editions Club, 3 jun 2021. Disponível em <https://www.abebooks.com/books/george-macy-illustrated-classics/limited-editions-club.shtml>. Acesso em 20 dez 2024.

BARR JR., Alfred Hamilton. *Matisse: His Art and His Public*. Nova York: The Museum of Modern Art, 1951.

BASQUIN, Kit Smyth. Ineluctable Modality of the Visible: Illustrations for Joyce's *Ulysses*. *Art in Print*, Vol. 3, No. 4, 2013, pp. 6-11.

BENSTOCK, Shari. The Double Image of Modernism: Matisse's Etchings for *Ulysses*. *Contemporary Literature*, Vol. 21, No. 3, 1980, pp. 450-479.

BROWN, Dennis. *The Modernist Self in Twentieth-Century English Literature*. Nova York: Palgrave Macmillan, 1989.

COPPEL, Stephen. Richard Hamilton's *Ulysses* Etchings: An Examination of Work in Progress. *Print Quarterly*, Vol. 6, No. 1, 1989, pp. 10-42.

DIMOVSKA, Iva. *Ulysses: A Meeting Place Between Joyce and Matisse*. *Private Print*, 5 abril 2019. Disponível em <https://privateprint.mk/en/blog/posts/10-ulysses-a-meeting-place-between-joyce-and-matisse>. Acesso em 20 dez 2024.

ELLMANN, Richard. *James Joyce*. Nova Edição Revisada. Oxford: Oxford University Press, 1982.

GILBERT, Stuart. *James Joyce's Ulysses: A Study*. Nova York: Vintage Books, 1955.

GOODWIN, Willard. "A Very Pretty Picture M. Matisse But You Must Not Call It Joyce": The Making of the Limited Editions Club "Ulysses". With Lewis Daniel's Unpublished "Ulysses" Illustrations. *Joyce Studies Annual*, Vol. 10, 1999, pp. 85-103.

HAYMAN, David. An Appreciation: "Ulysses" and Motherwell: Illustrating an Affinity. *James Joyce Quarterly*, Vol. 26, No. 4, 1989, pp. 582-605.

JOYCE, James. *Ulysses*. Introdução de Stuart Gilbert; ilustrações de Henri Matisse. Nova York: Limited Editions Club, 1935.

JOYCE, James. Gravuras de Robert Motherwell. São Francisco: Arion Press, 1988.

JOYCE, James. Tradução de Caetano Galindo; introdução de Declan Kiberd; coordenação editorial de Paulo Henriques Britto. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

JOYCE, James. Tradução e organização de Caetano Galindo; ilustrações de Robert Motherwell. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022a.

JOYCE, James. *Ulysses: An Illustrated Edition*. Projetada na Espanha por Galaxia Gutenberg, Barcelona, e ilustrada por Eduardo Arroyo. Nova York: Other Press, 2022b.

JOYCE, James. *Ulysses*. Ilustrações de Eduardo Arroyo; tradução de José Salas Subirat. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2022c.

JOYCE, James. *Letters of James Joyce*: Vol. III. Organização de Richard Ellmann. Nova York: Viking Press, 1966.

Jun-Pierre ART [website de Jun-Pierre Shiozawa]. *Illustrating Ulysses*, 2014. Disponível em <https://www.junpierre.net/illustrating-ulysses>. Acesso em 20 dez 2024.

KENNEDY, Maev. Richard Hamilton's Illustrations for *Ulysses* Go on Show at British Museum. *The Guardian*, 13 junho 2014. Disponível em <https://www.theguardian.com/artanddesign/2014/jun/13/richard-hamilton-illustrations-ulysses-british-museum-james-joyce>. Acesso em 20 dez 2024.

KNAPP, James A. Joyce and Matisse Bound: Modernist Aesthetics in the Limited Editions Club "Ulysses". *ELH*, Vol. 67, No. 4, 2000, pp. 1055-1081.

LAVER, James. The Books: As Illustrated Books, Part II: 1940-1954. In: Macy, George. *Quarto-Millenary: The First 250 Publications and the First 25 Years 1929-1954 of The Limited Editions Club*. Nova York: The Limited Editions Club, 1959.

LAW, Rebecca. John Vernon Lord Named Winner of the Moira Gemmill Illustrator of the Year at the V&A Illustration Awards 2018. *Victoria & Albert Museum*, 16 maio 2018. Disponível em <https://www.vam.ac.uk/blog/museum-life/john-vernon-lord-named-winner-of-the-moira-gemmill-illustrator-of-the-year-at-the-va-illustration-awards-2018>. Acesso em 20 dez 2024.

LERM HAYES, Christa-Maria. Art Inspired by Joyce? *James Joyce Broadsheet*, No. 62, 2002, p. 1.

MATISSE, Henri. *Henri Matisse: L'Art du Livre*. [Catálogo de Exposição] Prefácio de Xavier Girard; introdução de Youri Roussakov; ilustrações coloridas e em preto e branco, com descrição completa de trabalhos publicados. Nice: Musée Matisse, 1986.

MINDER, Raphael. A New Look for 'Ulysses'. *The New York Times*, 10 fev 2022. Disponível em <https://www.nytimes.com/2022/02/10/books/ulysses-james-joyce-illustrated.html>. Acesso em 20 dez 2024.

PEREIRA, Nilce M. The Multifarious Simplicity of Jun-Pierre Shiozawa's Illustrations for *Ulysses*. *ABEI Journal*, Vol. 25, No. 1, 2023, pp. 131-153.

SCHWARCZ, Joseph H. *Ways of the Illustrator: Visual Communication in Children's Literature*. Chicago: American Library Association, 1982.

SPURLING, Hilary. *Matisse the Master: A Life of Henri Matisse, the Conquest of Colour, 1909-1954*. Nova York: Knopf, 2005.